

Um crédito para o Brasil

Bancos fazem comunicado conjunto em que se comprometem a manter linhas de US\$ 23 bi

AP

José Meirelles Passos
e Cássia Maria Rodrigues

PARIS e LONDRES

Um grupo de grandes bancos privados da Grã-Bretanha, da Alemanha, dos Estados Unidos e da França divulgou ontem comunicado conjunto simultaneamente nas praças de Londres, Frankfurt, Nova York e Paris informando que as linhas de crédito ao Brasil serão mantidas até o próximo dia 31 de agosto. A decisão conta com o apoio dos bancos centrais desses países e o objetivo é manter o crédito de US\$ 23 bilhões ao Brasil, o que será suficiente para fechar o balanço de pagamentos do país este ano.

Esse volume, revelou o ministro da Fazenda, Pedro Malan, em Paris, era o que o país dispunha no último dia 28 de fevereiro. De lá para cá o Brasil perdeu 15% daqueles créditos (cerca de US\$ 3,5 bilhões). Antes da crise russa, no entanto, essas linhas de crédito somavam US\$ 40 bilhões, de acordo com estimativas dos bancos.

— Nos últimos dias falamos com cada um dos grandes banqueiros, de um grupo que representa pouco mais de 95% dessas linhas de crédito, olhando olho no olho. E todos assumiram esse compromisso conosco. O mais importante é que, desta vez, há também um apoio oficial, pois vamos trabalhar com os bancos centrais dos países que estão nos apoiando — disse Malan.

Decisão tem o apoio dos bancos centrais dos países

Segundo o ministro, alguns bancos poderão até aumentar as linhas de crédito. Malan revelou que os bancos centrais de EUA, Inglaterra, Alemanha e França vão manter um intercâmbio de informações com o BC brasileiro, especificamente sobre essas linhas interbancárias comerciais. Será, segundo ele, um sistema oficial de monitoração.

— Dados sobre esses créditos serão compartilhados por nós e os BCs que estão nos apoiando. Nós estaremos acompanhando pelo menos 85% dessas linhas semanalmente, para ver de perto o desempenho de cada banco. E os BCs estrangeiros participarão desse acompanhamento, tendo acesso às informações recolhidas — disse o ministro.

Segundo ele, não há um contrato assinado estipulando a manutenção dos créditos. E, portanto, essa iniciativa não seria "um ato jurídico perfeito".

— Esse é um processo voluntário. Alguns bancos nos comunicaram individualmente sobre a intenção. Outros fizeram um comunicado condicional, dizendo que se as coisas continuarem melhorando, eles também farão o mesmo — disse Armínio Fraga, que ontem, em Londres, reuniu-se com o presidente do BC da Inglaterra, Eddie George.

Os banqueiros escolheram o vice-pre-

sidente do Citibank, William Rhodes, como o coordenador mundial "para facilitar esse esforço de cooperação com o Brasil", de acordo com o texto dos comunicados assinados por eles.

Um dia depois de ter obtido a promessa de apoio financeiro de bancos alemães, em Frankfurt, o ministro desembarcou ontem de manhã em Paris e foi diretamente à sede do Banque de France, o BC francês, onde expôs ao seu presidente, Jean Claude Trichet, os planos e as necessidades brasileiras.

Segunda parcela do FMI deve sair logo após 30 de março

Trichet pôs à disposição de Malan uma sala para que ele recebesse nove banqueiros da França e três da Bélgica, responsáveis por pouco mais de US\$ 2 bilhões em linhas de crédito ao Brasil.

— O ministro Malan fez um balanço do conjunto do novo programa econômico do Brasil. E eu o achei muito pertinente — disse Trichet.

Mais tarde, Malan anunciaria que a diretoria executiva do Fundo Monetário Internacional deverá aprovar formalmente o novo programa no próximo dia 30 e, logo em seguida, liberar a segunda parcela de US\$ 9 bilhões do empréstimo prometido ao Brasil.